

## Práticas pedagógicas decoloniais: experiência do PIBID/UCSAL nas ruínas do convento de São Francisco do Paraguaçu e na comunidade quilombola do Boqueirão

Liliane Vasconcelos<sup>1</sup>  
Amanda Margarida Silva de Brito<sup>2</sup>  
Jucy Silva<sup>3</sup>  
Monica Cristina da Fonseca<sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica realizada com bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), desenvolvida nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, em Cachoeira-BA, território atravessado por múltiplas camadas históricas e simbólicas que dialogam com o romance *Salvar o fogo* (2023) de Itamar Vieira Júnior. A atividade foi pautada teoricamente em Mignolo (2003), Walsh (2005) e Freire (2017), articulando práticas educativas decoloniais, reflexão crítica sobre memória, ancestralidade, resistência e apagamentos históricos, especialmente relacionados às populações negras. A experiência combinou visitas guiadas às ruínas do convento e à comunidade quilombola de Boqueirão com atividades reflexivas em grupo. Os estudantes foram incentivados a registrar imagens e observações que dialogassem com a narrativa literária e discutir coletivamente as práticas de resistência e a produção de saberes locais. A visita ao quilombo do Boqueirão possibilitou um contato direto com a realidade socioeconômica da comunidade, especialmente com a produção de dendê, a confecção de vassouras de piaçava e o trabalho nas casas de farinha. A proposta contribuiu para a formação crítica dos licenciandos em Letras e História, ampliando seu repertório teórico-prático e promovendo a construção de atividades pedagógicas fundamentadas em narrativas literárias e experiências de campo. Os resultados evidenciam o potencial da inserção de experiências em territórios historicamente marginalizados para a formação de futuros professores e professoras, fortalecendo a compreensão sobre disputas de narrativas e o papel pedagógico de espaços de memória e resistência.

**Palavras-chave:** Educação Decolonial; PIBID; Formação Docente; Leitor; Literatura Brasileira Contemporânea.

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e Cultura (UFBA). Coordenadora de área PIBID/UCSAL

<sup>2</sup> Especialista em Letras (UFBA). Supervisora PIBID/UCSAL

<sup>3</sup> Mestranda em Estudos de Linguagens em Contextos Lusófonos Brasil África (Unilab). Supervisora PIBID/UCSAL

<sup>4</sup> Mestra em Educação (UFBA). Supervisora PIBID/UCSAL



## INTRODUÇÃO

A formação de professores no Brasil enfrenta, historicamente, o desafio de articular teoria e prática de modo crítico e transformador. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) constitui-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento de experiências pedagógicas que rompam com a lógica educação tradicional e depositária e valorizem os saberes construídos nos territórios. A proposta do subprojeto Letras, História e Música da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) buscou, nesse sentido, promover uma vivência formativa centrada em práticas decoloniais, conectando o ensino da literatura e da história à realidade sociocultural baiana.

A experiência aqui relatada foi desenvolvida nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, em Cachoeira-BA, e na comunidade quilombola do Boqueirão, espaços profundamente marcados pela presença de pessoas negras. A atividade dialogou com o romance *Salvar o fogo* (2023), de Itamar Vieira Júnior, e teve como objetivo ampliar a compreensão dos licenciandos sobre as relações entre literatura, território e memória, reconhecendo as práticas culturais locais como saberes legítimos e potentes na formação docente.

Assim, o presente artigo tem como propósito refletir sobre a experiência vivenciada pelos bolsistas do PIBID/UCSAL, destacando o papel das práticas pedagógicas decoloniais na formação de professores comprometidos com a valorização da diversidade e a reconstrução das narrativas sobre o Brasil profundo.

Diante dessa perspectiva, entende-se aqui por práticas decoloniais, conforme destaca Walsh (2005), o reconhecimento dos processos de desumanização vividos por povos historicamente subalternizados e a compreensão de suas lutas por existência como fundamentos para a construção de outros modos de viver, de saber e de exercer o poder. Assim, pensar de forma decolonial significa tornar visíveis as resistências à colonialidade, expressas nas práticas sociais, políticas e epistêmicas desses sujeitos. A colonialidade segundo Quijano (2007, p.93) “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Se



funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular deste padrão de poder". Durante muito tempo, a produção de poder e a valorização do conhecimento e da cultura estiveram centradas exclusivamente no referencial do colonizador europeu, consolidando a colonialidade do saber. Essa lógica impôs restrições ao reconhecimento de outros modos de conhecimento, invisibilizando e negando o legado intelectual e histórico dos povos indígenas e africanos. Como consequência, esses povos foram reduzidos à condição de "primitivos" e "irracionais", por pertencerem a uma "outra raça" o que ocasionou a exclusão da cultura de grupos subalternizados nos espaços educacionais. É diante dessa realidade que Quijano (2005) introduz o conceito de colonialidade do poder para explicar a estrutura de dominação instaurada com a colonização e ainda presente nas formas contemporâneas de produção do saber e das relações sociais. Essa colonialidade atua não apenas no campo econômico e político, mas também no imaginário e nos processos educativos, ao impor uma visão de mundo eurocêntrica que desqualifica e silencia outras epistemologias.

A literatura contemporânea tem se mostrado uma aliada fundamental na construção de práticas decoloniais do saber, ao conferir visibilidade e centralidade a narrativas produzidas por vozes que historicamente foram silenciadas. Nesse sentido, as narrativas literárias instauram novas subjetividades e modos de enunciação que rompem com as práticas colonizadoras e hegemônicas de produção do conhecimento. A obra *Salvar o fogo* (2023), de Itamar Vieira Júnior, constitui um exemplo expressivo desse movimento, servindo de apporte para discussões sobre educação e práticas decoloniais. Ambientada na comunidade de Tapera do Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, território profundamente marcado pela colonização, pela violência simbólica e pela resistência afro-indígena, a narrativa acompanha a trajetória de Luzia, mulher negra estigmatizada por supostas práticas de feitiçaria, e de Moisés, jovem dividido entre o saber da terra e o saber institucional. A partir desses personagens, o autor evidencia as tensões entre a cultura popular e o poder colonial, representado pela Igreja e pelas estruturas sociais excludentes, revelando o potencial transformador da literatura na reconstrução de memórias e identidades marginalizadas. Dessa forma, o livro de Itamar Vieira Júnior serviu como ponto de partida para a visita à comunidade do Boqueirão, atualmente reconhecida oficialmente como comunidade quilombola, que por séculos resistiu às marcas do domínio e do passado colonial. A leitura da obra *Salvar o Fogo* (2023) foi indicada como





elemento fundamental para a formação dos bolsistas do PIBID, possibilitando uma imersão prévia nas paisagens, nas relações comunitárias e nas personagens que compõem o universo narrativo. Por meio dessa leitura, foi possível construir um campo de significados que favoreceu uma conexão mais profunda entre os estudantes e o território visitado, articulando literatura, memória e vivência pedagógica.

## METODOLOGIA

A atividade foi planejada e desenvolvida ao longo do primeiro semestre do PIBID (2024/2025), no âmbito do subprojeto Letras, História e Música/UCSAL, envolvendo licenciandos(as) e as supervisoras do programa. Para a condução da experiência, adotou-se uma abordagem qualitativa e participativa, fundamentada nos princípios da pesquisa-formação (Josso, 2004), na qual o aprendizado ocorre por meio da reflexão crítica sobre as experiências vivenciadas, articulando teoria e prática de maneira contínua e engajada com a realidade social. A perspectiva de educação decolonial orientou todo o processo, buscando reconhecer e valorizar os saberes e experiências historicamente marginalizados, promovendo a formação de sujeitos críticos, capazes de questionar as estruturas de poder e colonialidade presentes no contexto educacional e social.

O planejamento contemplou inicialmente a leitura e discussão do romance *Salvar o Fogo* (2023) de Itamar Vieira Júnior a partir do levantamento de temáticas presentes na narrativa como ancestralidade, território, apagamento histórico e resistência cultural. Essa etapa permitiu que os bolsistas tivessem um contato prévio com as paisagens, os sujeitos e os conflitos narrativos presentes na obra, construindo um campo de sentido que favoreceu a compreensão do contexto histórico e social da região abordada. A leitura crítica da narrativa possibilitou reflexões sobre as tensões entre cultura popular e estruturas coloniais, fortalecendo a sensibilidade para práticas decoloniais e para a valorização de saberes da cultura dos negros e indígenas historicamente marginalizadas. Cada núcleo do PIBID ficou responsável por conduzir rodas de conversa, nas quais foram discutidas as temáticas



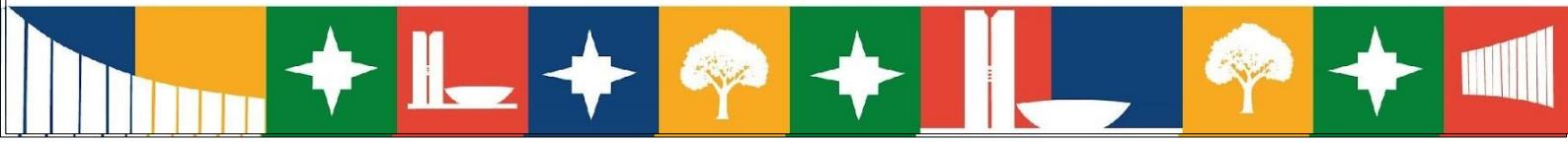
X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

emergentes do texto, relacionando-as ao cotidiano escolar e às práticas educativas desenvolvidas. Posteriormente, realizou-se visita de campo às ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, espaço carregado de memórias históricas e simbólicas. Nessa etapa, foram realizadas atividades de mediação pedagógica, observação participante, registros fotográficos e leituras compartilhadas de trechos literários. A interação com o espaço histórico permitiu articular a literatura estudada com a memória e a territorialidade, promovendo a reflexão sobre os processos de subalternização e resistência das populações negras e indígenas, em consonância com a educação decolonial, que busca visibilizar narrativas historicamente silenciadas.

A experiência se estendeu à comunidade quilombola do Boqueirão, possibilitando um contato direto com os moradores e suas práticas cotidianas, culturais e educativas, incluindo a produção de dendê, vassouras de piaçava e produtos das casas de farinha. A interação com a comunidade favoreceu a construção de saberes a partir da observação e do diálogo, permitindo que os estudantes compreendessem as realidades socioeconômicas locais e refletissem sobre práticas de resistência, autonomia e ancestralidade quilombola. Como etapa final, os bolsistas participaram de rodas de conversa e produção de registros reflexivos, nos quais relacionaram as experiências vividas em campo aos conceitos teóricos discutidos durante o curso, com ênfase na construção de práticas pedagógicas decoloniais. Diários de campo, fotografias e textos reflexivos constituíram o material-base para análise dos resultados e para a elaboração deste relato, oferecendo subsídios para avaliar a contribuição da experiência para a formação docente.

Dessa forma, a atividade combinou leitura crítica, visita a espaços históricos e interação com comunidades quilombolas, integrando práticas de observação, reflexão e mediação pedagógica. A experiência revelou-se um potente instrumento para a formação crítica de futuros professores em Letras, História e Música ampliando seu repertório teórico-prático e promovendo a construção de atividades pedagógicas fundamentadas na literatura, nas experiências de campo a partir de uma perspectiva decolonial, capazes de articular ensino, memória, território e práticas de resistência de forma significativa.



### 3. Referencial teórico

A educação decolonial propõe uma ruptura crítica com a hegemonia eurocêntrica que, por séculos, orientou a produção do conhecimento no Brasil. Nessa perspectiva, práticas educativas de base decolonial procuram reconhecer, valorizar e produzir epistemologias outras e saberes que emergem das margens, das comunidades tradicionais, dos territórios populares e dos corpos e experiências historicamente subalternizados. Trata-se de deslocar o centro da narrativa, ampliando o campo epistemológico e afirmando conhecimentos que foram sistematicamente invisibilizados pelos processos coloniais.

Segundo Mignolo (2003) e Walsh (2005) o pensamento decolonial propõe uma ruptura com o modelo de conhecimento que hierarquiza culturas e estabelece uma divisão entre o “centro” e a “periferia” do saber. Desse modo, a educação decolonial que busca dar luz aos conhecimentos das comunidades quilombolas e dos povos indígenas se apresentam como práticas indispensáveis para a construção de alternativas epistemológicas que reconheçam saberes e existências historicamente marginalizadas.

Para Aníbal Quijano (2005), a colonialidade do poder constitui um dos eixos centrais da modernidade e mantém sua vigência mesmo após o fim do colonialismo formal. Para o autor,

a dominação colonial não terminou com a independência dos Estados; ao contrário, ela se reinscreveu nas formas de classificação social, na produção de saber e nas estruturas de subjetividade, organizando o mundo a partir de um padrão racial que segue definindo quem pode falar, quem pode saber e quem é reconhecido como humano. (Quijano, 2005, p. 117)

Desse modo, torna-se evidente que a escola é um espaço de disputa e reprodução dessas hierarquias raciais e epistemológicas. Assim, qualquer proposta pedagógica que vise à justiça racial deve enfrentar diretamente as estruturas de colonialidade que naturalizam desigualdades e silenciam saberes afro-indígenas. É diante dessa perspectiva que a literatura contemporânea nos serve de base para dialogar com novas práticas decoloniais uma vez que as narrativas buscam valorizar vozes silenciadas, contribuindo de forma direta para o horizonte da educação decolonial. Ela possibilita que sujeitos marginalizados narrem suas próprias experiências, reconfigurando a memória coletiva e deslocando as bases eurocêntricas da produção cultural brasileira uma vez que a literatura tem o poder de produzir representações



A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes - compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural (Soares, 2008, p. 31)

Segundo Walsh (2009, p.15), a decolonialidade não se limita a um reposicionamento epistemológico, mas implica uma ação pedagógica comprometida com a insurgência e com a construção de mundos “outros”, mais especificamente “a decolonialidade é uma postura e um projeto que confronta a naturalização da matriz colonial de poder, desafiando seus modos de vida, seus sistemas de conhecimento e suas formas de ser”. Nesse sentido, a educação decolonial constitui um campo crítico que se dedica a desestabilizar os pilares da colonialidade presentes na produção do conhecimento, nas instituições educativas e nas relações sociais.

Paulo Freire (2017), ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo”, oferece as bases para uma prática docente dialógica e libertadora. No mesmo movimento, Freire (1996) reforça que educar é um ato de esperança e de transformação, o que dialoga diretamente com a proposta do PIBID/UCSAL: promover uma educação comprometida com a escuta, com o diálogo e com a reconstrução coletiva dos significados da história e da cultura.

Ao trazer a literatura contemporânea, em especial a obra de Itamar Vieira Júnior como mediadora da experiência, o projeto também mobiliza a noção de narrativas contr-hegemônicas, nas quais a arte e a palavra se tornam instrumentos de resistência e reexistência (hooks, 2019). A intersecção entre literatura, território e ancestralidade permitiu reconhecer os espaços visitados como territórios de memória, nos quais se inscrevem as marcas da diáspora africana, das violências coloniais e das resistências culturais que fundam o Brasil.



## 4. Resultados e discussões

A experiência revelou-se profundamente formativa para os bolsistas, que puderam perceber, na prática, a potência pedagógica dos territórios e das narrativas locais. Ao transitar entre a leitura literária e a vivência no campo, os estudantes desenvolveram uma compreensão ampliada da relação entre educação, cultura e território, ressignificando o papel do professor como mediador de saberes e não apenas transmissor de conteúdos.

Nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, os estudantes refletiram sobre o silêncio das pedras e o apagamento da presença negra na história oficial. As discussões realizadas no local enfatizaram que ensinar história e literatura requer reconhecer as ausências, dar voz às narrativas silenciadas e tensionar os discursos hegemônicos sobre o passado colonial.

Já na visita à comunidade quilombola do Boqueirão, a observação da produção de dendê, das casas de farinha e das vassouras de piaçava evidenciou a resistência econômica e simbólica da comunidade. O diálogo com os moradores revelou o valor pedagógico do cotidiano e da oralidade como fontes de conhecimento. Muitos estudantes relataram que a experiência ampliou suas percepções sobre o papel social da escola e sobre a importância de uma prática docente que se construa em diálogo com os territórios.

Do ponto de vista pedagógico, a ação consolidou aprendizagens significativas sobre o planejamento de atividades interdisciplinares capazes de articular literatura, história, cultura e identidade. A vivência evidenciou que a formação docente precisa estar enraizada em práticas que conectem o currículo escolar à realidade sociocultural dos estudantes, especialmente em territórios marcados pela desigualdade racial e social.

Esse processo serviu de base para a elaboração de diversas atividades pedagógicas nas escolas participantes, tomando a narrativa *Salvar o Fogo* como eixo estruturante de planos de aula produzidos tanto pelos bolsistas do curso de História quanto pelos de Letras.

Como exemplo, destaca-se o projeto interdisciplinar desenvolvido por estudantes dessas duas áreas, que, a partir da obra literária, buscaram valorizar a afirmação do território de origem da comunidade escolar, com foco especial na Escola Dinah Gonçalves, situada no bairro



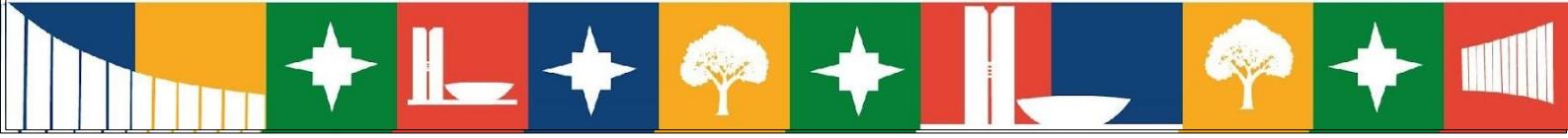
periférico de Valéria. A literatura, nesse contexto, tornou-se uma ferramenta de fortalecimento identitário, reconhecimento das raízes locais e construção de práticas pedagógicas decoloniais comprometidas com a realidade dos sujeitos envolvidos.

## 5. Considerações finais

A experiência do PIBID/UCSAL nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu e na comunidade quilombola do Boqueirão reafirma a importância das práticas pedagógicas decoloniais na formação de professores críticos e socialmente comprometidos. O contato direto com os territórios, com suas memórias e suas formas de resistência, permitiu aos estudantes compreender que a educação é também um ato político de reexistência e de esperançar, como nos ensina Paulo Freire (2017).

Ao reconhecer os territórios populares como espaços de produção de saber e memória, o PIBID fortalece o diálogo entre universidade e comunidade, contribuindo para a construção de uma educação antirracista, plural e emancipatória. Essa experiência aponta para a necessidade de ampliar iniciativas semelhantes, capazes de fazer da formação docente um processo vivo, sensível e enraizado na realidade brasileira.

Por fim, o relato evidencia que a decolonialidade não é apenas uma perspectiva teórica, mas uma prática cotidiana de escuta, de reconhecimento e de transformação mas um caminho possível para reconfigurar a docência e reconstruir, com os futuros professores, as imagens do Brasil que ainda precisam ser contadas.





## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. *Ensino a transgredir*: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / desenhos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSINANI, Zélia (org.). *Democratizando a leitura*: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2008.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Salvar o fogo*. São Paulo: Todavia, 2023.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad y colonialidad del poder*: un pensamiento y posicionamiento "otro" desde la diferencia colonial. Quito: Abya Yala, 2005.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad*: luchas (de) coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.

